SJB SELECTION

CRÍTICA · BLUES

The Thrill Is Gone | B.B. King

SJB SELECTION · OUTUBRO DE 2026

Primeira curiosidade: *The Thrill Is Gone* nem sequer era uma canção de B.B. King. Roy Hawkins já a tinha gravado em 1951, e King conhecia-a bem. Anos antes, quando trabalhava como DJ em Memphis, passava a versão de Hawkins na rádio. Quase vinte anos depois, King faria dela a canção mais reconhecível da sua carreira.

Nada mau para uma versão...

Em 1969, King entra no estúdio com Gerald Jemmott no baixo, Herbie Lovelle na bateria, Paul Harris no Wurlitzer e Hugh McCracken na guitarra. Depois de três ou quatro ensaios, a fita começa a rodar, e o take três é o bom.

King canta ao vivo com a banda. Nenhuma voz montada depois. A Lucille passa por um Fender Twin Reverb captado com um Shure 57, enquanto a voz de King é gravada com um Neumann U67. A banda chega a manter o vamp final durante uns oito minutos, porque o groove está a funcionar e ninguém quer parar.

Oito minutos... porque, quando o comboio arranca, puxar o travão nem sempre é boa ideia.

Não há overdubs de correção. Há alguma fuga entre a voz e os instrumentos, mas isso faz parte. O tema respira como uma sala cheia de músicos, não como algo montado num laboratório.

E depois há aquele som de guitarra.

Limpo, cheio, preciso. Suave sem ficar mole. Polido sem nunca ficar frio.

Não há nenhuma parede de distorção atrás da qual se esconder. Ouve-se o toque, o ataque, os bends e, sobretudo, aquele vibrato rápido que faz a nota tremer sem a partir. A Lucille não grita: sussurra, chora e suspira.

King toca muito poucas notas, mas dá a cada uma tempo suficiente para se tornar uma frase. A guitarra entra e sai da canção como um segundo cantor. Ele diz qualquer coisa, a Lucille responde. Ele para, e ela parece acrescentar: "Pois... mas a história não é bem essa."

Então o produtor Bill Szymczyk tem uma ideia quase sacrílega: pôr doze cordas por cima de um disco de blues.

Bert de Coteaux escreve o arranjo e, de repente, a sala fica maior. A secção rítmica caminha pelas sombras, enquanto as cordas entram como nevoeiro por uma janela aberta. Não tapam o blues. Constroem à volta dele um céu mais largo.

Foi uma escolha invulgar, pensada em parte para levar a canção para lá das fronteiras do blues e aproximá-la de um público pop.

E resultou.

Lançada como single em dezembro de 1969, *The Thrill Is Gone* chegou ao n.º 3 da tabela soul/R&B da Billboard e ao n.º 15 da Hot 100. Valeu a King o Grammy de Best Male R&B Vocal Performance e, em 1998, a gravação entrou no Grammy Hall of Fame.

A partir daí, a canção nunca deixou realmente de viver.

King continuou a reinventá-la em palco. Há versões em *Live in Cook County Jail*, no seu álbum ao vivo de 1976 com Bobby Bland e em *Live at San Quentin*. Em 1997 gravou-a também com Tracy Chapman para *Deuces Wild*.

E há algo de fascinante no facto de a canção que se tornou inseparável de B.B. King já ter sido um êxito para outra pessoa quase vinte anos antes. Mas talvez seja exatamente disso que o blues trata: uma história passa de umas mãos para outras até alguém encontrar uma forma de a contar como se sempre tivesse sido sua.

Tecnicamente, é um slow blues em si menor, em 4/4, construído sobre a forma de blues de 12 compassos. Mas a verdadeira técnica de King não tem a ver com quantas notas consegue tocar.

Tem a ver com espaço.

Poucas notas. Pausas enormes. Um bend pode durar mais do que uma frase. O vibrato dele soa à voz de alguém que já sabe como a história vai acabar… mas precisa de mais uns segundos antes de o admitir.

Toque, tensão, tremor.
Bends, batidas, blues.
Silêncio, espaço, solidão.

King não toca para encher o silêncio…

Deixa o silêncio tocar com ele.

> ***The thrill is gone. O espaço que ficou tornou-se música.***